

REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE O ENSAIO O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO DE SIGMUND FREUD*

CONTEMPORARY REFLECTIONS ON SIGMUND FREUD'S ESSAY *THE DISCOMFORT IN CIVILIZATION*

Renata Dumont Flecha**

RESUMO

O ensaio de Freud *O mal-estar na civilização*, publicado em 1930, pertence ao grupo de textos que inserem a Psicanálise no discurso social. Mostra-se, em seu desenvolvimento, extremamente atual, pois viver no coletivo ainda se apresenta como uma tarefa árdua, penosa, sendo ainda marcada pelo irremediável antagonismo entre as exigências da pulsão e as restrições impostas pela civilização. Freud nos mostra como é difícil alcançar o objetivo de obtenção da felicidade como um lugar que se conquistará permanentemente. Essa dificuldade é promovida pela nossa própria constituição psíquica e também pelas regras, costumes e leis que organizam a vida social, que inibem nossa sexualidade, bem como nossa agressividade. Assim, no nosso mundo contemporâneo de excessos, ainda nos vemos obrigados a encontrar saídas, tais como adoecimentos diversos, o uso de substâncias tóxicas, a religião, o espetáculo e o narcisismo das redes sociais, as intolerâncias, dentre outros, para lidar com essa infelicidade, promotora de sofrimento, dor e mal-estar.

PALAVRAS-CHAVE: contemporaneidade; psicanálise; felicidade; mal-estar; saídas para o mal-estar.

ABSTRACT

Freud's essay, *The Discomfort of Civilization*, published in 1930, belongs to the group of texts that insert Psychoanalysis into the social discourse. Its development is extremely relevant, as living in a collective still proves to be a hard and painful task, marked by the irreparable antagonism between the demands of drive and the restrictions imposed by civilization. Freud shows us how difficult it is to achieve the goal of obtaining happiness as a place that will be permanently conquered. This difficulty is promoted by our own psychic constitution and also by the rules, customs, and laws that organize social life, which inhibit our sexuality as well as our aggressiveness. Thus, in our contemporary world of excesses, we still find ourselves compelled to seek out escapes, such as various illnesses, the use of toxic substances, religion, spectacle, and the narcissism of social media, intolerances, among others, to cope with this unhappiness.

KEYWORDS: contemporaneity; psychoanalysis, happiness, discomfort, ways out of discomfort.

* Artigo recebido em 18/06/2025 e aprovado para publicação em 25/06/2025.

** Doutora em Educação pela UFMG. Mestra em Psicologia Social pela UFMG. Graduada em Psicologia pela PUC Minas e em Filosofia pela UFMG. Professora do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: renataflecha@hotmail.com.

HUMANO DEMASIADO HUMANO: O MAL-ESTAR NOSSO DE CADA DIA...

Na contemporaneidade¹ ainda experienciamos o desafio em discorrer as formas de subjetivação perante a inevitável relação estabelecida entre os sujeitos e o discurso civilizatório, promotora de mal-estar e adoecimentos², marcando, assim, um sujeito que foi e sempre será banhado pela cultura que o antecede e o determina. Silva (2012, p. 47) nos chama a atenção para o fato de que a forma de definição de cultura usada por Freud engloba,

[...] todas as construções simbólicas e materiais que viriam oferecer direcionamentos para a vida dos homens, uma vez que esses não são orientados por instintos. Desse modo, a *kultur* se apresenta como tentativa de forjar aquilo que, a princípio, o homem, por sua condição humana, não tem: uma orientação natural.

Mas, ser feliz é um imperativo que marca nossos tempos; seja por meio do consumo de objetos, de tendências ou de um estilo de vida.

Diferentemente da época de surgimento da Psicanálise, quando os sofrimentos se materializavam em histerias, fobias etc., os padecimentos atuais se circunscrevem a outras formas de expressão, muitas vezes tratadas por abordagens farmacológicas ou pelo uso de drogas ilícitas. Assim, de acordo com Sadala e Santos (2022, p. 265), “[...] é possível fazer uma lista longa de itens a que o sujeito recorre em busca de um certo anestesiamento da consciência, movimento este que o desresponsabiliza de sua história, bem como desfalece sua subjetividade”. Assim, embora observemos constantes mudanças de ordem cultural, pois a cultura não é estática, a experiência do mal-estar e sofrimento atinge a todos e de forma particular, pois o sofrimento e a dor fazem parte do ser humano. Dunker (2017) afirma que as novas maneiras de se viver trazem consigo, também, novas formas de sofrimento e dor, assim como estabelecem novos ideais de felicidade a serem obtidos.

Na atualidade, as manifestações clínicas do sofrimento psíquico são bem diferentes das paralisias e nevralgias com que se deparou Freud no tratamento das histéricas. As apresentações clínicas mais comuns na queixa dos pacientes englobam os

¹ A época atual recebe várias denominações (pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade líquida etc.) de acordo com diversos autores. Utilizaremos aqui a contribuição de Rebelo e Silva (2021, p. 135) que definem esse tempo como “[...] uma etapa avançada do capitalismo, o sistema que ascendeu a partir da revolução industrial. A sociedade pós-moderna envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores, e não de produtores (Bauman, 2001). Podemos estabelecer que a pós-modernidade teve seu início após a Segunda Guerra Mundial e consolidou-se no final de 1980, após a guerra fria”.

² De acordo com Sadala e Santos (2022, p. 271), as formas de sofrimento “[...] têm sido reduzidas a nomes ilegítimos, depressão, TDAH, bipolaridade e, principalmente, o transtorno de ansiedade acompanhado da solidificação da angústia no corpo (pânico)”.

distúrbios alimentares (anorexia e bulimia), a dependência química e de álcool, as manifestações psicossomáticas e o consumo excessivo de medicamentos, dentre outros (Silva, 2012, p. 45).

De acordo com Lipovetsky (2005 *apud* Sadala; Santos, 2022), vivemos em uma cultura que se caracteriza pelo excesso e que tem permanente urgência frente às necessidades mais imediatas, acenando sempre para a promessa de satisfação instantânea do desejo. Uma cultura que idolatra o corpo e a imagem narcisicamente, o que podemos observar na dinâmica das redes sociais.

Primeiro, tratamos o corpo como objeto, a começar pela imagem que temos dele, o nosso primeiro objeto. Ou o amamos, ou o odiamos, ou os dois, o que nos leva a procurar transformá-lo, melhorá-lo e distingui-lo. Usa-se cirurgias, que vão até a mudança de sexo, nas operações sexuais, todas as práticas de *piercing*, tatuagem, anabolizantes, além do uso performático, erótico, do corpo que também pode ser vendido, emprestado, recusado etc. (Silva, 2017, p. 101).

As redes sociais são um aspecto importante de se destacar nas novas formas de lidar com o mal-estar em nossa atualidade, dado o fato de que elas foram incluídas no nosso cotidiano. Na grande maioria das vezes, elas não são problematizadas como tendo um uso excessivo, mas tem sido discutido como vemos, por exemplo, no trabalho de Rebelo e Silva (2021).

O uso problemático das mídias digitais é um campo de pesquisas recente. A internet foi globalmente difundida em meados de 1990, e o smartphone, um minicomputador em formato de celular, popularizou-se por volta da segunda metade de 2000, fazendo que as pessoas pudessem ter contato com indivíduos de qualquer lugar do mundo, além de ter acesso a qualquer informação disponível em rede, a qualquer momento (Machado, 2012, 2017 *apud* Rebelo; Silva, 2021, p. 133).

Dessa forma, na nossa vida atual, a velocidade, propiciada pelas mídias sociais, por exemplo, demanda a obtenção de um prazer imediato, sem se ter uma avaliação sobre seus efeitos e contando para isso da validação de outros, por meio dos *likes* recebidos, nas postagens realizadas sobre suas experiências particulares. É um tempo acelerado, como vemos nos *stories* das redes sociais, que podem ser visualizados por um curto período de tempo. Citando Bauman em sua obra *Amor líquido*, de 2004, Rebelo e Silva (2021) sublinham que as mídias sociais, em sua diversidade de opções, fazem com que cada sujeito se volte para os conteúdos que essas mídias oferecem, negligenciando os outros ao seu redor.

Também fazendo uso de Harari em sua obra *Homo Deus: uma breve história de amanhã*, de 2016, Rebelo e Silva (2021, p. 136) chamam a atenção para um fenômeno atual denominado de dataísmo, que podemos vislumbrar na passagem abaixo:

Os dataístas acreditam que experiências não têm valor se não forem compartilhadas e que não precisamos – na verdade não podemos – encontrar significado em nosso interior. Só precisamos gravar e conectar nossa experiência ao grande fluxo de dados, e os algoritmos vão descobrir seu significado e nos dizer o que fazer. Vinte anos atrás, turistas japoneses eram motivo de riso universal porque levavam consigo câmeras e tiravam fotos de tudo o que estava à vista. Hoje todos fazem isso. Se você for à Índia e deparar com um elefante, você não vai olhar para o animal e se perguntar “O que estou sentindo?” – você estará ocupado demais pegando seu smartphone, tirando uma foto do elefante, postando-a no Facebook, e depois conferindo sua conta a cada dois minutos para ver quantas curtidas obteve. Manter um diário particular – prática humanista comum em gerações anteriores – parece, para os jovens de hoje, ser algo totalmente fora de propósito. Para que escrever alguma coisa que mais ninguém vai ler? O novo lema é: “Se você experimentar algo – grave. Se gravar algo – faça upload. Se fizer upload de algo – compartilhe”.

E é assim que vemos cada vez mais presente essa cultura da imagem, na qual “parecer ser” se torna mais importante do que “ser”, e por meio dessa lógica de funcionamento cada um de nós oferece dados de sua vida pessoal para serem usados de diversas formas, por quem tiver acesso a eles, demonstrando, por exemplo, uma comercialização de imagens próprias em busca de “engajamentos”, seguidores e curtidas.

O fato é que para nós, sujeitos modernos, o luxo não é supérfluo, mas necessário. O luxo é o pai e a mãe da modernidade. Pois os bens de luxo são a própria matéria simbólica de nossos tempos, ou seja, exatamente o que decide da organização social. A modernidade é isto: substituir o ser pelo ter (e pelo aparecer que acaba sendo permitido pelas posses) (Calligaris, 1999, p. 15).

Um outro aspecto, ou forma de lidar com o mal-estar, que podemos verificar na nossa atualidade e que se associa ao uso das mídias sociais, diz respeito ao incremento das intolerâncias de todas as ordens. A intolerância, sob o ponto de vista da Psicanálise, nos remete à discussão sobre o “narcisismo das pequenas diferenças” trazida por Freud em seu ensaio de *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921, mas presente, pela primeira vez, em 1918, em outro ensaio *O tabu da virgindade*.

[...] ao analisar os estudos de Crawley sobre os tabus, o criador da psicanálise faz a seguinte citação: “[...] justamente as pequeninas diferenças, dentro da semelhança geral, motivam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles.” (FREUD, 1918, p. 292) Nesse momento, Freud está concordando com os estudos de Crawley sobre os tabus nas sociedades primitivas. “Seria tentador perseguir essa ideia e

derivar desse ‘narcisismo das pequenas diferenças’ a hostilidades que em todas as relações humanas combate vitoriosamente os sentimentos de solidariedade e sobrepuja o mandamento de amor ao próximo.” (FREUD, 1918, p. 292) (Garrit, 2020, p. 6).

Assim, de acordo com Garrit (2020), associando-se à agressividade, constituinte do nosso psiquismo, o “narcisismo das pequenas diferenças” mantém-se presente na nossa atualidade, expressando-se nas mais diversas formas tais como: o racismo, a xenofobia, entre outras. O autor ainda acrescenta que Freud cunhou esse termo inspirando em Schopenhauer, mais especificamente em sua parábola sobre os porcos-espinhos³, que nos remete à conclusão do endereçamento dessa mesma agressividade àquele que é diferente de nós, no pensar e no agir. No nosso mundo atual observamos, cada vez mais, que seu caminhar é pavimentado em direção ao apagamento das diferenças e um afã de homogeneizações. Nas palavras de Fuks (2003, p. 9), “[...] Regidos por um narcisismo que ultrapassa o essencial à manutenção da vida, esses fenômenos vêm impondo maciçamente valores absolutos e autodevoradores à civilização [...]”.

No entanto, apesar de termos, hoje, contornos culturais diferenciados e saídas também diferenciadas para lidar com o mal-estar, haverá sempre a presença de um fracasso na busca de se contornar tal experiência, pois o mal-estar é algo intrínseco à cultura.

Na verdade [...] podemos dizer que o mal-estar é inerente à civilização, quaisquer que sejam os avanços que ela possa alcançar. Sendo assim, o papel da civilização seria buscar constantemente formas de contorná-lo, mesmo sabendo de saída que o projeto será incompleto. Cada cultura procuraria formas de condução para o mal-estar inerente à sua própria constituição enquanto cultura. Ao abordar o mal-estar na cultura, Freud trata de uma condição inerente ao homem enquanto ser de cultura. Embora as mudanças na cultura possam conduzir a diferentes formas de expressão do mal-estar, este é estrutural ao processo cultural [...] (Silva, 2012, p. 63).

CONTEXTO DA OBRA

O ensaio *O mal-estar na civilização* foi escrito em 1929 e publicado em 1930. Faz parte, juntamente com outros ensaios como *Totem e tabu* (1913), *Reflexões para tempos de guerra e morte* (1915), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927), *Moisés e o monoteísmo* (1939), dentre outros, daqueles que são denominadas obras

³A parábola sobre os porcos-espinhos “[...] diz que estes em um dia de inverno tinham o desafio de ter que encontrar uma boa distância entre si de modo a que a troca de calor fosse suficiente para não morrerem de frio, nem espetados uns pelos outros [...]” (Garrit, 2020, p. 8).

culturais, ou antropológicos, de Freud. É, assim, um texto que insere a Psicanálise no discurso social.

[...] chamados algumas vezes de “antropológicos”, “sociais” ou “culturais” [...] nem sempre obtiveram entre os psicanalistas o mesmo prestígio que os trabalhos explicitamente metapsicológicos, os artigos técnicos ou as histórias clínicas, que seriam, para muitos, os três eixos fundamentais da “ortodoxia” psicanalítica. Como se os textos sobre a sociedade e as religiões, sobre a cultura e as massas, sobre a violência e as guerras fossem especulações marginais ou exercícios de diletantismo. Situados numa espécie de limbo, alguns desses escritos não seriam suficientemente clínicos, nem metapsicologicamente originais, sendo, portanto, dispensáveis ao ofício do psicanalista; tampouco seriam úteis a sociólogos, historiadores da religião, antropólogos ou cientistas políticos, justamente pela razão inversa: seriam excessivamente “psicológicos” [...] (Ilanini; Tavares, 2020, p. 9-10).

O tom dado, por Freud, ao ensaio, é de um pessimismo frente às relações estabelecidas entre os homens e a civilização, chegando a um desfecho que poderíamos nomear de trágico, pois ele faz uma espécie de aposta em Eros (Amor) como aquele que poderá vencer Tântatos (Morte) na lógica de funcionamento dessa relação tão complexa.

[...] essa obra, pelo contrário, situa-se sob o signo da *tragédia* (e mesmo do destino inexorável), ao visualizar a possibilidade de fim da espécie humana pelo próprio processo civilizador. Além disso, nesse texto, Freud se mostra continuamente preso a dúvidas sobre a necessidade de tal reflexão: “Em nenhum de meus trabalhos anteriores tive, tão forte como agora, a impressão de que o que estou escrevendo pertence ao conhecimento comum e de que estou desperdiçando papel e tinta... para expor coisas que, na realidade, são evidentes por si mesmas” (Enriquez, 1990, p. 96).

Esse tom pessimista também pode ser percebido por duas razões fundamentais: a primeira, de ordem pessoal, que diz respeito ao câncer de boca, do qual Freud padecia, causando dores e sofrimentos e que o levará à morte em 1939. A segunda razão, de ordem social, deve-se ao avanço da perseguição nazista aos judeus, que o obrigará a se mudar para Londres, em 1938.

O pessimismo, presente nesse ensaio, também pode ser notado quando verificamos o conteúdo de outro, anterior a esse em questão, *O futuro de uma ilusão* (1927), que aborda as relações entre religião e ciência, que, em seu final, nos mostra um Freud otimista com o futuro, no qual a ciência teria um lugar de prioridade sobre a religião.

Freud terminara *O Futuro de uma ilusão* no outono de 1927. Durante os dois anos seguintes, principalmente, sem dúvida, por causa da doença, produziu muito pouco, no verão de 1929, porém, começou a escrever outro livro, mais uma vez sobre um assunto sociológico. O primeiro esboço foi terminado por volta de fins de julho; o

livro foi enviado à gráfica no começo de novembro e realmente publicado antes do fim do ano, embora trouxesse a data de '1930' em sua página de rosto (Nota [...] 1974, p. 75).

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO E O CONTEÚDO DE SEUS CAPÍTULOS

O tema basilar desse ensaio trata daquilo que Freud nomeia como sendo “o antagonismo irremediável entre as exigências da pulsão⁴ e as restrições da civilização” (Freud, 1974, p. 76).

Assim, Freud, ao longo dos oito capítulos que compõem o ensaio, construirá resposta(s) a uma singela pergunta: o que os homens querem da vida? Querem ser felizes... e como será, então, obtida essa felicidade?

O caminho para se alcançar o objetivo de ser feliz, e se manter em tal estado, será apresentado por Freud como sendo repleto de obstáculos. Isso porque ele afirma que a vida se mostra a nós como sendo penosa, marcada por sofrimentos, desapontamentos e com tarefas que muitas vezes se mostram com um caráter de impossibilidades. Assim sendo, para suportá-la temos que lançar mão daquilo que são nomeadas por ele de “medidas paliativas” ou “construções auxiliares”.

[...] existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse tipo é indispensável. Voltaire tinha os derivativos em mente quando terminou *Candide* como conselho para cultivarmos nosso próprio jardim, e a atividade científica constitui também um derivativo dessa espécie. As satisfações substitutivas, tal como as oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental. As substâncias tóxicas influenciam nosso corpo e alteram a sua química [...] (Freud, 1974, p. 93).

Freud prossegue e argumenta que os homens perante o propósito de serem felizes se deparam, nessa empreitada, com duas metas: uma positiva e uma negativa. A primeira se refere a experienciar o prazer de forma abundante e prolongada; e a segunda, à inexistência da experiência de desprazer e dor.

⁴“Como Freud define pulsão? Há vários modos de apresentar o conceito. Tomemos a seguinte afirmação: ‘Voltando-nos agora do lado biológico à observação a partir da vida anímica, então nos aparece a *pulsão* como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal (Freud, [1915] 2013, p. 23-25)’. *Uma exigência de trabalho que o corpo faz ao psiquismo*. Esse é o ponto central” (Ianini, 2024, p. 174).

Dessa forma, Freud nos adverte que o que determinará o propósito da vida se articula com o que prescreve o Princípio de Prazer⁵, que rege a vida psíquica desde seus primórdios. Porém, ele acrescenta que a lógica de funcionamento desse princípio mostra-se em desarmonia tanto naquilo que constitui o mundo, em seu sentido mais amplo, quanto naquilo mais restrito ao sujeito⁶. “[...] Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’” (Freud, 1974, p. 95).

Para a Psicanálise, a felicidade é compreendida, em sua acepção mais circunscrita, como a satisfação episódica, súbita e efêmera de certas necessidades pulsionais que foram represadas no aparelho psíquico. Assim, quando a situação de prazer se prolonga ela pode produzir apenas uma insignificante experiência de satisfação, ou ainda, se transformar em desprazer. Fazendo uso das palavras de Goethe, Freud (1974, p. 95) afirma que “[...] nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos[...]”.

Se por um lado nossa experiência de felicidade se mostra limitada por nossa própria constituição psíquica, a experiência de infelicidade, dor e sofrimento nos espreita permanentemente a partir, fundamentalmente, de três origens:

[...] do nosso próprio corpo, em seu percurso constante em direção ao envelhecimento e à morte; da natureza, que pode tomar vultos de destruição em qualquer momento; ou, ainda, da relação estabelecida entre os homens. O homem é assim, colocado frente a três situações fundamentais de impotência. Da relação estabelecida entre os homens, provém, segundo Freud, a impotência mais penosa (Flecha, 2004, p. 40).

Assim, de acordo com Edler (2017 *apud* Stork, 2019), mesmo passado tanto tempo da publicação do ensaio de Freud sobre o mal-estar na civilização, as formas de sofrimento/impotência ainda perduram, pois a natureza tem-se mostrado hostil aos maus tratos que dispensamos a ela; nosso corpo, apesar de todo avanço no campo da medicina,

⁵De acordo com Laplanche e Pontalis (1983, p. 466), o princípio de prazer é “um dos princípios que regem, segundo Freud, o funcionamento mental: a actividade psíquica no seu conjunto tem por objectivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer”. Para os mesmos autores (1983, p. 470), o princípio de realidade é “um dos princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental. Forma par com o princípio de prazer e modifica-o; na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efectua pelos caminhos mais curtos, mas toma por desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior”.

⁶O sujeito da Psicanálise é o sujeito do inconsciente. “[...] a descoberta do inconsciente por Freud evidenciou a existência de uma Outra cena que não permite que o eu seja senhor em sua própria casa. Trata-se de uma quebra de paradigma que aponta para a divisão do sujeito, evidenciando a distinção entre o eu e o sujeito” (Sadala; Santos, 2022, p. 268).

envelhece e morre, e as relações entre os homens estão cada vez mais marcadas por intolerância e ódio.

Freud (1974, p. 105) aponta que as duas primeiras fontes nos confrontam com algo da ordem do inexorável, pois “[...] nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização”.

No entanto, quanto à terceira fonte de mal-estar/impotência, ela toma contornos mais complexos, pois é difícil a compreensão de que as regras e leis não são distribuídas de forma igualitária e respeitadas por todos os membros de uma certa civilização⁷, independentemente do lugar social que o sujeito ocupe, por exemplo.

Esse argumento sustenta que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas. Chamo esse argumento de espantoso porque, seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos, a fim de nos protegemos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização (Freud, 1974, p. 105-106).

Assim, parece que a civilização é um “mal necessário” e Freud nos oferece razões para ponderar sobre tal ideia. Segundo ele, a civilização, reguladora das relações entre seus membros, torna-se necessária para fazer os ajustes entre os membros que a compõem, pois, do contrário, na ausência desses preceitos (leis, normas, costumes) verificaríamos a possibilidade de termos o império da lei de um mais forte sobre os demais, o que também permitiria a substituição desse primeiro por um outro mais forte e, assim, sucessivamente⁸. Assim, a instituição e manutenção da civilização

⁷Para Freud (1974, p. 109), “[...] a palavra ‘civilização’ descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos [...]”. No entanto, a civilização não cumpre essas funções de forma satisfatória, dado que ela não é capaz de proteger o homem dos perigos e sofrimentos que a natureza e seu corpo lhe impõem, e também não apresenta eficácia quanto à regulação dos relacionamentos humanos.

⁸Essas ideias nos remetem à horda primeva descrita por Freud em seu ensaio *Totem e tabu*, de 1913, que é caracterizada por ser “[...] formada por um chefe (‘pai’) que tinha acesso a todas as fêmeas e que expulsava do grupo aquele membro que o desafiasse, guardando para si sexualidade e agressividade irrestritas. Certo dia, os ‘irmãos’ (membros do clã) se reuniram e voltaram, contra o ‘pai’, o assassinaram e o devoraram. Nesse ato, foi possível expressar o ódio pelas restrições que lhe serão impostas, e também o amor, buscando identificar-se com o poder do ‘pai’ ao incorporar sua carne. Após o assassinato, o sentimento foi igualmente ambíguo: satisfação e culpa. O clã teve que enfrentar um novo problema a respeito da organização do grupo, pois nenhum ‘irmão’ poderia ocupar o lugar do ‘pai’, sob pena de ter o mesmo destino [...]” (Silva, 2012, p. 57).

[...] só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como “direito”, em oposição à “força bruta”. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. A essência reside no fato de os membros da comunidade se restringirem em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições. A primeira exigência da civilização, portanto, é a da justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor do indivíduo [...]. O resultado final seria um estatuto legal para o qual todos – exceto os incapazes de ingressar numa comunidade – contribuíram com um sacrifício de suas pulsões, e que não deixa ninguém – novamente com a mesma exceção – à mercê da força bruta (Freud, 1974, p. 115-116).

Podemos depreender dessa citação acima que liberdade e civilização apresentam-se como polos opostos, sendo que o segundo polo impõe restrições significativas ao primeiro. De acordo com o autor, grande parcela das lutas travadas, ao longo da história da humanidade, se circunscrevem ao redor da meta de buscar um possível arranjo que equilibre as reivindicações individuais e coletivas, e traga a possibilidade de felicidade.

Entre as exigências reivindicadas por cada sujeito, e reguladas pela civilização, podemos apontar as de ordem sexual e a de ordem da agressividade, que são atreladas à dinâmica das pulsões⁹. Essas exigências sempre serão sentidas como arbitrarias e com caráter restritivo, configurando naquilo que Freud (1974) afirma como uma permuta de uma cota de felicidade por uma cota de segurança.

A sexualidade, para o pai da Psicanálise, não se inicia, como acredita o senso comum, na puberdade, mas é dada muito precocemente, após o nascimento. Segundo Kaufmann (1996, p. 467), “[...] a palavra sexual designa para a psicanálise um conjunto de atividades sem ligações com os órgãos genitais, não se devendo, portanto, confundir o sexual com o genital [...]”. Assim sendo, a satisfação de ordem sexual não equivale, necessariamente, à meta de reprodução.

Por sua definição “ampliada” da sexualidade e a concepção do polimorfismo desta, Freud mostra que o campo do psicosexual é irredutível a dados biológicos, tomando uma distância essencial de um instinto sexual entendido com função vital. Dessa irredutibilidade, desse afastamento essencial são prova as elaborações teóricas

⁹Freud trabalha, ao longo de sua obra, com duas dualidades pulsionais. A primeira delas é nomeada pelo par Pulsão Sexual e Pulsão de Autoconservação. Após a elaboração do ensaio *Além do princípio do prazer*, em 1920, temos uma “virada” nesse par que passa a ser denominado de Pulsão de Vida (Eros) e Pulsão de Morte (Tânatos). Assim, segundo ele, “[...] partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outra pulsão, contrária àquela, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta ao estado primevo e inorgânico. Isso equivaleria a dizer que, assim como Eros, existia também uma pulsão de morte” (Freud, 1974, p. 141).

e metapsicológicas da teoria das pulsões sexuais e a da libido (Kaufmann, 1996, p. 468).

Do ponto de vista da cultura/civilização, a sexualidade é aquela que deve ser pautada por regras, leis, moral e costumes. E, então, se faz necessário que a cultura/civilização estabeleça modos para o exercício dessa mesma sexualidade, que visem a sua prática inibida em sua finalidade. Assim, os sujeitos imersos na cultura/civilização, para que esta prospere, devem redirecionar o endereçamento de sua libido¹⁰ não para objetos sexuais isolados, mas sim para um permanente e afetuoso investimento na humanidade, por exemplo, no geral.

O amor com uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente do homem. Ambos – o amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade – estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas. O amor genital conduz à formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade, a ‘amizades’ que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas limitações do amor genital, como por exemplo, à sua exclusividade [...] (Freud, 1974, p. 123).

No que diz respeito à agressividade, Freud expõe que não somos “naturalmente” criaturas gentis e que jaz em nossa constituição psíquica uma importante cota de violência. Ele argumenta que:

[...] os homens não são criaturas gentis [...]. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* (Freud, 1974, p. 133).

Freud, a partir da exposição do conteúdo desse trecho, nos desafia, pela enumeração de exemplos ao longo da história (os horrores da primeira grande guerra, dentre eles), a negar tal característica humana, destacando que a agressividade presente na subjetividade humana faz do homem uma “besta-fera” pronta para atacar violentamente o outro, seja de forma objetiva seja simbólica. A agressividade interna, notada pela sua explicitação em violências, subsiste em todos os humanos e em todas as formações sociais e associa-se à Pulsão de Morte, que opera silenciosamente no interior do sujeito, e que só pode ser observada por meio da explicitação em forma de violências e destrutividade endereçadas ao mundo externo.

¹⁰“O termo “libido” designa uma energia postulada por Freud como substrato da pulsão sexual. Apesar de o termo ter sido empregado no seu registro qualitativo, Freud lhe atribui um caráter qualitativo bem marcado. A libido é essencialmente de natureza sexual, sendo irreduzível a outras formas de energia mental não especificadas [...]” (Garcia-Roza, 1988, p. 108-109).

Assim, a propensão para a agressão/violências mostra-se como uma disposição original, configurando-se como um impedimento ao projeto da civilização.

Posso agora acrescentar que a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este. Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não as manterão unidas. Mas a natural pulsão agressiva do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra um, se opõe a esse programa da civilização. Essa pulsão agressiva é o derivado e o principal representante da pulsão de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana [...] (Freud, 1974, p. 144-145).

No entanto, esses sacrifícios impostos ao sujeito pela cultura/civilização, sobre a sexualidade e a agressividade, são de tal monta que Freud afirma que essas renúncias compulsórias explicariam a dificuldade na tarefa de ser feliz na vida coletiva.

Perante as fontes permanentes de sofrimento e dor, também causadoras de um sentimento de mal-estar constante, citadas anteriormente, bem como a constituição pulsional humana, marcada pela agressividade, Freud afirma que podemos tomar uma posição mais modesta e humilde, nos sentindo “felizes” por ter sobrevivido ao sofrimento e à dor e colocando a experiência de obtenção do prazer em segundo plano. Para lidar com esse mal-estar constante, ele enumera saídas ou formas de lidar com tal sentimento, que podem combinar entre si, ou ainda, se apresentar preponderante na economia psíquica do sujeito.

A primeira dessas saídas, apontada por Freud, e que alude à terceira fonte de impotência (as relações humanas) é o isolamento voluntário, ou seja, mantermo-nos distanciados do convívio com outros humanos. A segunda aponta para o polo oposto: tornamo-nos parte da chamada comunidade dos humanos e, por meio, principalmente da ciência, sujeitamos, por exemplo, a natureza aos ditames da nossa vontade.

Já a terceira saída elencada por Freud se refere ao uso de substâncias tóxicas, que ele considera a mais eficiente de todas. Para ele, existem certas substâncias químicas que podem provocar a experiência de nos tornarem incapazes de receber certos impulsos considerados emanadores de dor e sofrimento, que ele denomina como “amortecedores de preocupações” (Freud, 1974, p. 97). Nesse tipo de via ele ainda acrescenta:

[...] No entanto, é possível que haja substâncias na química de nossos próprios corpos que apresentam efeitos semelhantes, pois conhecemos pelo menos um estado

patológico, a mania, no qual uma condição semelhante à intoxicação surge sem administração de qualquer droga intoxicante [...] (Freud, 1974, p. 97).

Na quarta saída, Freud nos remete à sabedoria característica do Oriente, aquela praticada na ioga, por meio da qual se age sobre as pulsões, objetivando ter o domínio sobre elas, sendo a forma extrema a sua supressão, alcançando a “felicidade da quietude” (Freud, 1974, p. 98).

A quinta saída nos traz a obtenção da felicidade sendo derivada da satisfação de um impulso não submetido ao princípio da realidade. Esse é o caso daquilo que pode constituir a perversão e a supressão ou inexistência das barreiras da censura internas/externas impostas ao aparelho psíquico.

Na sexta saída encontramos a sublimação, que se constitui no redirecionamento das pulsões em seus fins sexuais para fins de ordem social, caracterizando a obtenção de prazer por meio da produção dele (o prazer) via o trabalho psíquico e intelectual, tão importante para a permanência e evolução da civilização/cultura.

A sexta saída proposta por Freud se localiza nas satisfações que são obtidas pela produção de fantasias, comum na dinâmica psíquica dos neuróticos. As fantasias permitem a “readequação” da realidade externa, ou de uma parte dela, em prol de se usufruir o prazer negado por tal realidade.

A sétima saída é nomeada por Freud como sendo da ordem da loucura, pois a realidade externa mostra-se profundamente perigosa e hostil. Nessa via tenta-se a criação de um mundo, por meio do delírio, por exemplo, no qual os aspectos considerados intoleráveis sejam modificados a fim de atender os próprios desejos.

O amor é apontado por Freud como também sendo uma saída para o mal-estar/sofrimento, configurando na sua oitava proposição. Ela se caracteriza por ser uma forma de se viver que coloca o amor como centro de referência.

A derradeira via assinalada por Freud se associa à religião. Nela, ele descreve esse caminho como aquele que deprecia o valor da vida terrena e coloca o encontro com a felicidade em outro plano, em outra vida.

Assim, mesmo perante tantos percalços, Freud nos lembra que o objetivo de sermos felizes não pode ser plenamente efetivado, cada uma dessas saídas implica um preço a ser pago, mas que não podemos desistir de tal propósito, que possui caminhos seja negativo (evitar o desprazer) seja positivo (obter prazer). Porém, nenhum deles cumprirá o que é desejado e que “[...] não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de

descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo [...]” (Freud, 1974, p. 103). E, ainda que, nesse processo devemos nos portar como “[...] o negociante cauteloso que evita empregar todo o seu capital em um só negócio, assim, também, talvez, a sabedoria popular nos aconselhe a não buscar a totalidade de nossa satisfação numa só aspiração [...]” (Freud, 1974, p. 103). Assim, cada um de nós deve inventar nossa própria arte de viver.

É possível, então, perceber que viver/conviver em uma civilização/cultura é uma tarefa árdua, e que o objetivo fundamental da vida em comum se circunscreve a se domar e dominar, além da sexualidade, a disrupção constante causada pela pulsão de agressão e destruição, o que pode provocar tanto a destruição do homem quanto da humanidade, configurando uma permanente inquietação, infelicidade e angústia, para a qual não existe trégua. A possível experiência de bem-estar seria mediante modificação do sofrimento em uma desventura habitual.

A experiência de mal-estar pode também ser associada a um outro aspecto, que faz parte da nossa constituição psíquica: o desamparo. Nascemos nessa condição, pois, a princípio, somos dependentes de um outro que nos ofereça dois suportes básicos: um de ordem biológica e o outro de ordem psíquica.

Ao chegarmos neste mundo, nosso desamparo existencial é absoluto. Sem o acolhimento necessário para nossa manutenção ordinária, nem mesmo sobreviveríamos biologicamente por muito tempo. Assim, nos primeiros momentos de nossa existência individual, o nível de vulnerabilidade é praticamente total. Entre os animais e, mais especificamente entre os mamíferos, o ser humano é o ente menos habilitado à sobrevivência solitária e independente (Silva, 2015, p. 73).

Vemos, dessa forma, que Silva (2015) destaca que esse aspecto do sentimento de desamparo resume a verdadeira condição do ser humano desde sua infância, pois, por mais que sejamos protegidos a princípio, esse sentimento nos acompanhará para sempre, em nossa vida.

Às ideias de Silva (2015) podemos acrescentar as contribuições de Birman (1999), que afirma que os sujeitos, por serem frágeis, finitos e mortais necessitam sempre da criação de inumeráveis expedientes ilusórios que prometem o tamponamento dessa condição, caracterizando o sujeito como “[...] desamparado por vocação, não por acidente histórico-evolutivo [...]”, como descreve Pontalis (1968 *apud* Birman, 1999, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio de Freud aqui trabalhado traz em si, ao longo de suas páginas, uma dupla face: por um lado, o que faz uma cultura/civilização avançar em seus diversos progressos, e, por outro lado, esses mesmos progressos podem ser sua sentença de morte.

Como exposto, a cultura/civilização se constitui de renúncias pulsionais tanto no âmbito da sexualidade, quanto no âmbito da agressividade, que nos afastam da condição de natureza. Mas uma questão se impõe nesse momento: a renúncia é uma prática ainda vigente em nossos tempos individualistas, narcisistas, consumistas, imediatistas e dos excessos?

Segundo Hegel (*apud* Calligaris, 1999), a demarcação do nosso tempo, herdeiro das mudanças operadas na modernidade (séculos XV/XVI), implica a concepção de uma humanidade que se inicia quando finda o reino da necessidade, ou seja, quando o desejo não pode encontrar mais a sua satisfação em objetos consumidos, por exemplo, mas que se prolonga em uma infinita busca. Assim, nos nossos tempos atuais, o lugar social de cada sujeito passa a ser determinado pelo reconhecimento dos outros (os *likes* das redes sociais) e, também, pelos objetos para satisfação do desejo, desejo esse que ultrapassa qualquer tipo de necessidade.

[...] Hegel sugere que, para o homem moderno, de qualquer forma, não há necessidades, só desejos, pois qualquer objeto que ele queira ou mesmo precise fisicamente, desde a sopa – aparentemente necessária – até o casaco de Armani, é para ele em primeira instância um meio para se fazer valer (Calligaris, 1999, p. 14).

Assim, Freud expõe que o que nomeamos como sendo nossa civilização, é em grande parte responsável pelo nosso próprio sofrimento, nosso mal-estar, pois ela exige muito, pelas renúncias pulsionais, causando os mais diversos adoecimentos. Essa mesma civilização que favoreceu e favorece o desenvolvimento científico e tecnológico, permitindo o domínio do homem sobre a natureza, traz em si, também, a transformação desses mesmos homens em deuses de prótese¹¹. Porém, tais avanços não cumpriram e não cumprem o prometido: tornar o homem feliz, o que implica uma tensão constante, pois o que é prometido e não cumprido pode ser objeto de reivindicações de diversas ordens (Enriquez, 1990).

Viver junto se torna, então, uma árdua tarefa, pois estabelece aquilo que Enriquez (1990) vai denominar como um vínculo *trágico*, pois o semelhante é, ao mesmo tempo, um parceiro, mas também um oponente.

¹¹Freud (1974) faz uso desse termo que remete às diversas tecnologias de sua época que poderiam acoplar-se ao corpo do sujeito, potencializando, por exemplo, seus sentidos. Os óculos nos permitem enxergar com a ajuda das lentes o que não vemos sem elas.

A inevitável ambivalência em relação à existência do outro está na base do pensamento social: os outros são necessários à sobrevivência física e afetiva de cada um, uma vez que proporcionam a cooperação, a proteção, a satisfação e o amor buscados. Ao mesmo tempo, contudo, sua existência também é vivida como uma provação, já que podem constituir uma ameaça ou fardo impondo exigências e cerceando a liberdade (Brunner, 2000, p. 76).

Birman (2009) complementa as ideias acima quando afirma que houve mudanças naquilo que seria o campo do mal-estar produzido pelas relações sociais. Segundo ele, torna-se necessário reconhecer que observamos o incremento da agressividade que se associa à pulsão de morte, nas formas de violência, destruição e autodestruição que dominam no nosso contexto atual. Esse incremento da agressividade se vincula, por sua vez, às diversas formas de segregações e fundamentalismos, e da estetização, fruto de uma cultura do narcisismo¹² e de uma sociedade do espetáculo¹³.

Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e explosão da violência que marcam a atualidade (Birman, 1999, p. 24).

Assim, de acordo com Birman (1999), temos uma autoexaltação sem medidas, em um mundo no qual a solidariedade se “desmancha no ar”. O sujeito dessa sociedade do espetáculo, como nos ensina Debord (1997), é aquele que engrandece permanentemente sua imagem, por meio das exibições propiciadas pelas redes sociais. Nesse contexto, o outro é descartável e pode, facilmente, se transformar em um dejetivo a ser eliminado, o que podemos verificar nas mais diversas formas de exclusão do nosso mundo atual.

Na cultura/civilização atual não há lugar para dor ou sofrimento, pois o sofrer não é algo conveniente para esse contexto, pois atrapalha o trabalho, o trabalhador e sua funcionalidade, bem como a convivência social (Saroldi, 2011). Em consequência disso, segundo Birman (1999), vemos a crescente utilização e prescrição de psicofármacos “mágicos” diversos não só por psiquiatras, mas também por profissionais da área de diversas especialidades, em um movimento de evitamento e silenciamento desse perene mal-estar.

¹²Essa expressão é cunhada por Lasch em sua obra *Cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*, de 1983, que se refere a “[...] uma modalidade de cultura na qual a subjetividade se concebe apenas de maneira autocentrada, sem atentar devidamente para a densidade da existência do outro [...]” (Birman, 2006, p. 113).

¹³Expressão criada por Debord em sua obra *A sociedade do espetáculo*, de 1968: “[...] as performances voltadas para o engrandecimento do eu que teriam sempre a finalidade de promover uma cena construída para o olhar, pela produção do espetáculo [...]” (Birman, 2006, p. 113).

A cultura dos sofrendores e dos espíritos desesperados já era. Não se admite mais, no contexto da sociedade do espetáculo, os personagens sofrentes e desesperados, que marcaram as gerações do pós-guerra, como gerações existencialistas de *beat*. O que interessa agora é a estetização da existência e a inflação do eu, que promovem uma ética oposta ao sofrimento. Enfim, por esse caminho pode-se entender a cultura do evitamento da dor promovida pela medicina e pela indústria de drogas pesadas, pois por seu intermédio a magia do silêncio do sofrimento psíquico está sempre em pauta (Birman, 1999, p. 248-249).

Ao final, ainda vivemos sob a égide, apesar de todas as estratégias usadas para eliminá-lo, do impedimento da total satisfação pulsional, o que provoca nas subjetividades atuais a inevitável experiência de mal-estar. “[...] Apesar de todas as técnicas, de todas as ilusões, de todos os métodos e subterfúgios que os indivíduos e as sociedades inventam para tornar a renúncia suportável, há ainda um *resto* que perturba a equação, tornando o mal-estar incontornável [...]” (Ianini; Tavares, 2020, p. 7). E, ainda, de acordo com Birman (2006, p. 61), o mal-estar é “[...] o sofrimento insofismável a ser pago pelo sujeito pela sua condição humana”.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BIRMAN, Joel. **Cadernos sobre o mal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BRUNNER, José. *Oedipus politicus: o paradigma freudiano das relações sociais*. In: ROTH, Michael S (org.). **Freud conflito e cultura: ensaios sobre sua vida e legado**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 76-86.
- CALLIGARIS, Contardo. A psicanálise e o sujeito colonial. In: SOUSA, Edson Luiz de. **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p. 11-23.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social**. Tradução de Teresa Cristina Carreteiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FLECHA, Renata Dumont. **Freud e a função paterna: psicanálise e religião**. Belo Horizonte: Editora Newton Paiva, 2004.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: o futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 21, p. 81-174. Trabalho original publicado em 1930.

FUKS, Betty Bernardo. **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Coleção Passo a Passo).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

GARRIT, Marcio. O mal-estar, as pequenas diferenças e a agressividade. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, ano 6, ed. 2, v. 1, p. 146-166, fev. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/mal-estar>. Acesso em: 21 abr. 2025.

IANINI, Gilson. **Freud no século XXI**: Volume I: o que é psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. (Psicanálise no Século XXI, 6).

IANINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Apresentação: para ler o mal-estar. *In*: IANINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (org.). **Cultura, sociedade, religião**: o mal-estar na cultura e outros escritos/Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 7-29. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

KAUFMANN, Pierre (ed.). **Dicionário enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

NOTA do editor inglês. *In*: FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: o futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 21, p. 81-174. p. 75-80. Trabalho original publicado em 1930.

REBELO, Rafael; SILVA, Valdeni Terezinha Soares da. O Mal-Estar na Civilização: uma aproximação entre o ensaio de Freud e o impacto das mídias digitais. **Revista de Gestão & Políticas Públicas**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 129-155, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rgpp/issue/view/12288>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SADALA, Gloria; SANTOS, Kleber Barbosa dos. A psicanálise como possibilidade de escuta do mal-estar na contemporaneidade. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 264-279, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/estic/article/view/183231/185747>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SAROLDI, Nina. **O mal-estar na civilização**: as obrigações do desejo na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Coleção Para ler Freud).

SILVA, José Antonio Pereira. A psicanálise e o mal-estar na contemporaneidade. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 48, p. 99-105, jul./dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200011. Acesso em: 12 abr. 2025.

SILVA, Magali Milene. Freud e atualidade do mal-estar na cultura. **Analytica**, São João del-Rei, v. 1, n. 1, p. 45-72, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/233>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SILVA, Marco de Oliveira. **(Re) visitando Freud**: as interfaces contemporâneas da Psicanálise. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

STORK, Christiane Pinto Rosa. **Felicidade e mal-estar na civilização**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicanálise Clínica) – Faculdade CENSUPEG, Vitória, 2019.